

ROTHA

Cultural

*Jornalismo para preservar a cultura,
a memória, identidade(s) e patrimônio(s)*

Edição nº 2 - Abril/2023

Erivelton Braz

Solar Monlevade está aberto à visitação

 /rothacultural

Uma nova rotha!

Preservar a memória, a cultura, os patrimônios e registrar fatos históricos que são fundamentais para (re) conhecer a(s) nossas identidades(s) de João Monlevade, região Minas e Brasil. Essa é a proposta do jornal Rotha

Cultural, idealizado e editado pelo professor, jornalista, escritor e mestre em Literatura, Erivelton Braz. Este é um novo veículo de comunicação que pauta ideias, discute demandas do setor cultural e resgata histórias. É

jornalismo a serviço da memória, da cultura e da preservação de patrimônios materiais e imateriais. A publicação é mensal e valoriza o registro de nossas identidades.

Siga uma nova rotha: @rothacultural

Para salvar nossa memória!

(*) Erivelton Braz

Para que a memória seja constituída, é preciso um conjunto de experiências, vivências e histórias. Lugares por onde se passou, pessoas que conhecemos.... Não há memorialismo sem saudades. E só se sente saudade daquilo que um dia deixou marcas, daquilo que seja motivo de recordações. Como bem disse o escritor Rubem Alves, uma vez “perdido o rosto, só ficou o perfume... Foi-se o objeto, mas o seu vazio ficou. Pois, o vazio nunca é vazio, pura e simplesmente, é sempre vazio de algo. Isso, que tem o nome de saudade”. Dessa forma, a rememoração está ligada ao preenchimento de lacunas que ficaram com o passar do tempo. E com ele, passam também as pessoas. Com elas, histórias e memórias...

O jovem monlevadense não viveu na Cidade Alta. Além das fotografias antigas, das histórias contadas por pais e avós, nunca existiu vida além do muro do “morro do Geo”. Eles não conheceram a cidade que acabou no fim da década de 1980 e, por isso, não podem sentir falta dela.

Assim, como não têm a vivência, como não andaram na rua Tamoios e nem na rua Tabajara; como não frequentaram os bailes do Grêmio, nem do União Operária; como não paqueraram na Praça do Cinema, não foram ao cinema e nem ouviram os programas de auditório da Rádio Cultura; muito menos estudaram no Colégio Estadual, nem escutaram o flautista do morro; nem fizeram compras no armazém do Geo; como desconhecem que o Cassino foi um hotel importantíssimo e, para quem Cônego Higino é só



Fotos: Reprodução

Parte da cidade em seus primórdios

“É preciso conhecer para amar e então amar para preservar!”

(Marta Maria de Camargo Bueno Francez)

EXPEDIENTE: JORNAL ROTHACULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA

Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ rothaassessoria@yahoo.com

CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida - Tiragem: 1.000 exemplares

João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Julieta Bittencourt

Colaboradores desta edição: Joel Páschoa - Remisson Aniceto - Nadia Melina

o nome de um colégio no Aclimação, para esses, essa cidade antiga, que é justamente a nossa constituição, não faz o menor sentido.

Aliás, ela nem existe.

Se nada for feito para a preservação desses espaços do passado, isso significa que eles vão, um dia, também acabar. Quando os guardiões dessa memória não estiverem mais aqui para compartilhá-la, quando não houver mais registros dessa época, a juventude de hoje não vai manter viva essa cidade que deu início à Monlevade que temos hoje.

Em trinta anos, talvez menos, ninguém mais vai falar ou acreditar que já existiu uma Monlevade pulsante de vida nos arredores e atrás da Usina. Esse será mesmo o fim do passado...

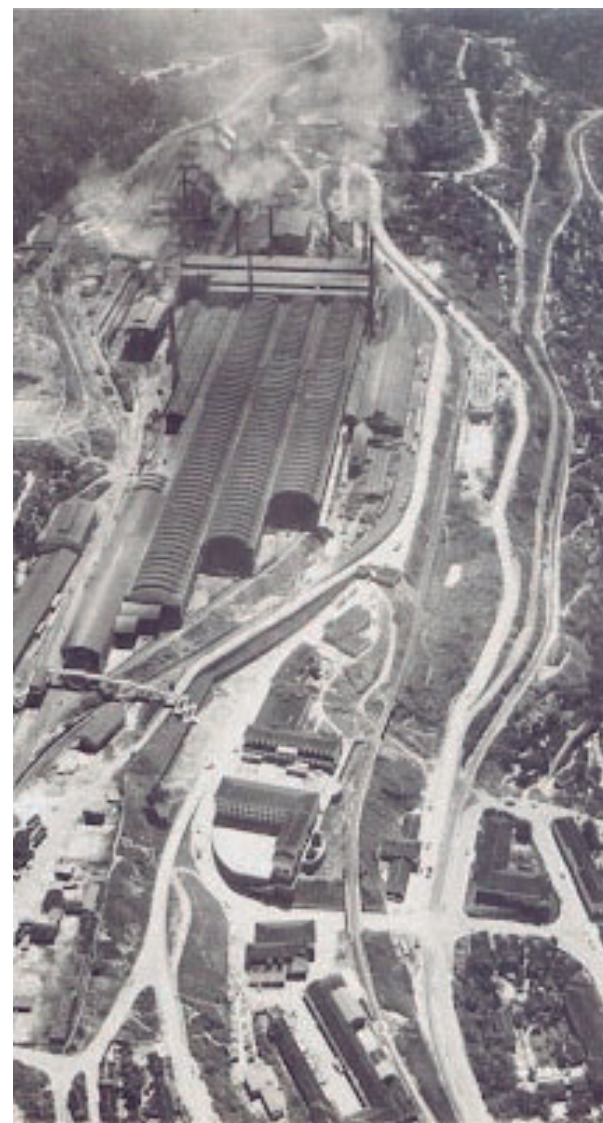
Por isso, João Monlevade, precisa dar mais atenção ao seu memorialismo. É necessário um grande projeto, não apenas de resgate, mas de preservação das memórias e das culturas locais. Se um dia quisermos entender o que foi a Cidade Alta, as vilas operárias, suas ruas, seus moradores e suas histórias, que também são nossas, esses registros precisam continuar vivos, preservados e salvos para acesso de todos.

É necessário entender que a cidade tem um laço, de aço mesmo, com o seu passado. Mas, contraditoriamente, a cada dia, essa memória vai ficando cada vez mais distante, perdida entre palavras, nos causos que não são mais contados, nos ecos das vozes dos que não estão mais entre nós.

Como bem ressaltou o pensador francês Maurice Halbwachs, toda memória individual é também uma memória coletiva. Neste sentido, a recuperação de relatos de moradores antigos de Monlevade contribui para a formação de uma grande memória da cidade, possibilitando assim, a criação de documentos históricos e de referências para a concepção de um projeto identitário para o município.

Nossa história recente precisa dialogar com esse passado. Preservar esse material rico em histórias, em personagens que ajudaram a construir essa cidade é um dever de todos nós.

Seria um desastre deixar isso se perder. Ainda há tempo, mas ele está passando...



Monlevade foi construída nos arredores da usina

ERIVELTON BRAZ

Erivelton Braz é graduado em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) e mestre em Teoria Literária e Crítica da Cultura pela Universidade

Federal de São João Del Rei (UFSJ).

Professor e jornalista, atua há mais de 20 anos na área de comunicação, com ênfase no jornalismo e marketing. Atualmente, é editor do Jornal A Notícia e fundador da Rotha Cultural.



Arte leva periferia de Monlevade a espaço de poder!

Série de fotos “Zona Íntima”, sobre o bairro

Pedreira, ganha exposição na Assembleia de Minas

“Eu acho legal essa coisa de levar a periferia da cidade para outros territórios, inclusive, para a Assembleia. O bairro Pedreira é um local oculto na história e na geografia da cidade”. Assim afirma o jornalista e fotógrafo monlevadense Wir Caetano, que vai expor na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), em Belo Horizonte, a série de fotos autorais intitulada “Zona Íntima”.

O trabalho foi aprovado em edital da Casa, para ser exposto na Galeria de Arte do Legislativo mineiro. A mostra deve ocorrer entre 28 de agosto e 6 de setembro deste ano. A série conta com 18 fotos em preto e branco, que registram pequenos detalhes do bairro monlevadense Pedreira, periferia de Monlevade, onde Wir Caetano nasceu. Em texto de apresentação do trabalho, o artista diz: “a viagem é a uma zona peculiar:

o bairro operário Pedreira, onde nasci, de população majoritariamente negra, periferia praticamente oculta na geografia e na história de João Monlevade.” Sobre o título da mostra, ele explica que “o fotógrafo retorna ao bairro como quem visita uma intimidade”.

EXPERIÊNCIA PARA QUEM VÊ

A experiência de aproximação íntima se manifesta, de acordo com o artista, nas pequenas dimensões das fotos (15cm por 10cm), que exigem que o espectador se aproxime para ver de forma adequada as imagens. Ainda segundo ele, o “íntimo se traduz também no próprio processo de produção das fotos, como se o fotógrafo se envolvesse com o tema aos poucos, em camadas”. “Cada tema foi

fotografado com uma câmera profissional, depois ‘refotografado’ com celular e editado em uma série de aplicativos, mas nada disso é evidente no que se vê”, explica.

OUTRAS MOSTRAS

Em 2022, a série foi exposta na Câmara Municipal de João Monlevade, quando contou com apoio da artista plástica Alesandra Alves. Em 2021, a mostra também esteve no Centro Educacional, por um único dia, 24 de novembro, como parte do Festival Pedro Alcântara, promovido pela Fundação Casa de Cultura. Integrou também, no mesmo mês e ano, de forma online, a programação do Festival Unificado da Consciência negra, organizado por diversas entidades.

Fotografar um segredo

(*) Wir Caetano

Há alguns anos, escrevi um artigo intitulado “A Cidade Existe, e Eu Acredito Nisso”, publicado no “A Notícia” e com boa repercussão nas redes sociais. Nesse texto, falei do ocultamento do bairro monlevadense Pedreira na história e na geografia da cidade a ponto de haver gente que, mesmo sem ter “nascido ontem”, parece nem acreditar que essa parte de Monlevade, orla periférica do núcleo originário de nossa vila operária, existe. Mas existe sim. Pedreira, majoritariamente negro, é um segredo.

Foi o que pensei quando decidi abordar em um ensaio fotográfico esse meu bairro natal, à margem dos circuitos hegemônicos do município. Mas como fotografar um segredo? O que um registro documental revela de um segredo? E um relato ficcional revela o quê? Quem já tem respostas para todas as perguntas não está preparado para um segredo.

Recorri ao olho da minha Canon, lentes sobre um detalhe aqui, outro ali: roupa no varal, lagarta, tijolos à beira de um lote. Em preto e branco, sem as decorações da cor. Segredo que é segredo persiste. Daí, abri cada imagem na tela do meu computador, e a lente do meu celular as capturou ali. Duas camadas de escavação podem não chegar ao fundo de um segredo. Insisti mais com um aplicativo que simula câmeras de infravermelho, a teatralizar uma caminhada para além do domínio do olho humano, da luz branca.

Sim, teatralizar, porque, como disse o poeta Waly Salomão, “sou barroco, sei que o mundo é um teatro”. A palavra “teatro” me leva à minha infância, ao teatro de sombras que a paróquia São José Operário realizava na Semana Santa no largo da igreja a poucos quilômetros do bairro Pedreira. O bairro das casas a poucos metros da pedreira de onde as dinamites às vezes jogava pedras nos telhados, para pesadelo dos viventes.



Wir Caetano

Um dos trabalhos da série que mostra detalhes e olhar artístico do bairro Pedreira

O bairro que uma tempestade isolou nos anos 1960 ao produzir uma enorme cratera em um dos principais acessos. E muitas tempestades voltariam a isolar mais tarde. Pedreira onde se pode chegar por uma via estreita perto da Fazenda Solar Monlevade. Uma via “lunar”, quase oculta. É preciso chegar perto para ver. É preciso chegar perto de um segredo. E um segredo de verdade nunca se revela por inteiro. É preciso chegar mais e mais, muitas vezes.

Foi assim que cheguei à “Zona Íntima”, o ensaio fotográfico que esteve no Centro Educacional de João Monlevade em 2021 dentro da programação do Festival Pedro Alcântara, da Fundação Casa de Cultura; na Câmara de Vereadores em 2022; no CRAS Dona Preta no início deste ano e estará na galeria de arte da Assembleia Legislativa de Minas Gerais no segundo semestre. É preciso chegar perto desse patrimônio periférico muitas e muitas vezes. Resvalar o segredo.

(*) Wir Caetano é jornalista, fotógrafo e letrista de música



Jean Monlevade: 234 anos

No dia 14 de abril de 1789, nasceu Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade, em Guérret, comuna na França.

Último grande desbravador europeu a chegar ao Brasil, ele desembarcou no Rio de Janeiro em 1817, aos 28 anos. Veio para Minas, onde colocou toda a sua habilidade, conhecimentos em diversas áreas, a sua alma e energia a serviço do estado que o acolheu e do Brasil.

Com espírito pesquisador, descobriu todo o potencial de exploração do minério de ferro na região.

Adquiriu terras, construiu o Solar Monlevade, uma das mais imponentes construções da época, e implantou a mais importante fábrica de ferro do século XIX.

Pioneiro da siderurgia brasileira, importou da Inglaterra máquinas a vapor que impulsionaram a sua produção de instrumentos de ferro para larga escala, a partir de 1827. No mesmo ano, casou-se com Clara Sophia de Souza Coutinho, sobrinha do Barão de Catas Altas, com quem teve dois filhos: João Pascoal e Mariana.

Jean Monlevade faleceu aos 83 anos em 1872, dos quais 55 foram vividos no Brasil. A maioria deles, nestas terras onde mais tarde nasceria a cidade que hoje leva seu nome.

Ele jamais retornou à Europa, tendo escolhido o cemitério que construiu para seus escravizados falecidos em sua Fazenda, como última morada.

Seu legado, de coragem, ousadia e persistência, deve ser sempre lembrado. Jean Monlevade vive em todo aquele que acredita, inova e tem perseverança. Viva!



Reprodução

Autorretrato de Jean Monlevade

Volta Histórica abre comemorações do aniversário da cidade

As atividades em comemoração aos 59 anos do município de João Monlevade, no próximo dia 29 de abril, começaram no domingo (16) com um evento inédito: a Corrida e Caminhada “Volta Histórica”, unindo esporte, educação e cultura.

A prova reuniu 500 atletas da cidade e da região, com largada às 9h, em frente ao Solar Monlevade. O percurso de 4km contemplou vários patrimônios históricos do município: Prédios do Hotel Cassino, Hotel Siderúrgica, sede do Sindicato dos Metalúrgicos, Igreja São José

Operário, Floresta Clube, entre outros.

Em seguida, o Circuito Cultural, na praça da Igreja São José Operário, uma animada roda de samba e muita música brasileira, movimentou o centro histórico com Rômulo Ras e Afilhados do Sereno e Grupo Odilara (BH). Além da programação musical, a festa contou com feirinha gastronômica, brinquedos para as crianças, exposições de livros, de artesanato, atraindo famílias e moradores à região que é um marco da cidade.

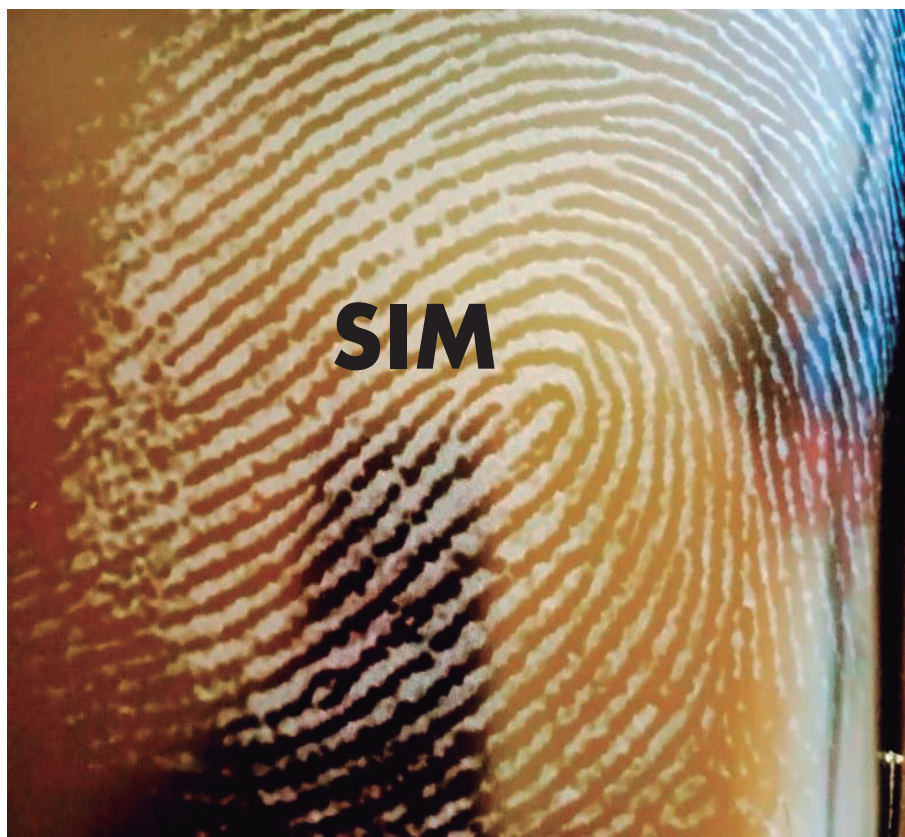


Erivelton Braz

Evento promovido na praça da igreja São José Operário movimentou o centro histórico

Espaço Poético

(*) Joel Paschoa



POEMA VISUAL - BH/
MG/23 Joel Paschoa

Poeta bissexto. Nascido em
João Monlevade /MG.

Ativista cultural e
Conselheiro da Casa de
Cultura de Monlevade, na
década de 80.

Artista Plástico, Poeta,
Escritor e Pesquisador da
arte Barroco. Residente em
Belo Horizonte, Empresário
e Exotérico, proprietário
do espaço holístico -
SOLLARIUM.

Patrimônio (re) aberto para a comunidade

ArcelorMittal agenda visitas da comunidade ao Solar Monlevade



Erivelton Braz

Passado, presente e futuro: Solar Monlevade recebe visitantes que podem conhecer novo espaço interativos com produtos e informações da Usina

A ArcelorMittal, unidade de João Monlevade, retoma a agenda de visitação ao Solar Monlevade para a comunidade. Desde o fim do mês de março, um dos mais importantes patrimônios da cidade, voltou a receber os monlevadenses. A medida ocorre após um longo período e atende a uma demanda do município de acessibilidade ao bem histórico, mantido e preservado pela empresa siderúrgica.

No conjunto arquitetônico e paisagístico da fazenda, destacam-se também o Museu Monlevade do Ferro e do Aço, com réplicas e peças originais de dois séculos e outras usadas na Usina e o Monumento aos Pioneiros, uma homenagem àqueles que ajudaram a implantar a primeira siderúrgica integrada da América Latina.

Como novidade, além do antigo casarão onde morou o pioneiro Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade e onde funcionou uma das mais importantes fábricas de ferro do século XIX, os visitantes poderão conhecer o Espaço ArcelorMittal. O “novo showroom” interativo, que mescla conteúdos histó-

cos e informações sobre a Usina, sua linha de produção e produtos, reúne passado, presente e futuro.

Para o diretor da ArcelorMittal em Monlevade, Fabiano Cristeli, a abertura do Espaço demonstra a valorização da história da empresa e da cidade. “Criamos um espaço para permitir que as pessoas possam conhecer um pouco mais da história da cidade, da empresa de uma forma organizada e interativa. Entendemos e respeitamos a importância desse patrimônio para a nossa comunidade”, explica.

HISTÓRIA

O Solar da Fazenda Monlevade foi construído no início do Século XIX, em data incerta, mas provavelmente, na década de 1820. Segundo o próprio Monlevade, em relatório escrito em 1853 “da morada principal avista-se ele (o rio) ao longe. Ela é de sobrado com varandas nas quatro faces, tanto embaixo como em cima, segura com dobrada fileira de esteios; e está colocada no centro de quatro grandes corpos de construções...” Em seu interior, há muitos cômodos

bem divididos e uma capela, onde, periodicamente, celebravam-se missas e outras atividades religiosas.

Posteriormente, o Solar, já de propriedade da então Companhia Siderúrgica Belgo Mineira (CSBM) passou a ser utilizado para a hospedagem e eventos sociais da empresa. Principalmente, serviu de moradia para os primeiros luxemburgueses que vieram construir a Usina, a partir da década de 1930. A “Fazenda”, como é chamada a antiga casa da família Monlevade, foi totalmente reformada pela ArcelorMittal em 2022 mantendo as suas características originais.

VISITAÇÃO

A comunidade precisa e merece visitar esse espaço, fundamental para a nossa história e memória. As visitas são realizadas às sextas-feiras e devem ser previamente agendadas pelo telefone (31) 3859-1715.

Inicialmente, são três horários disponíveis: 8h, 10h e 13h30. As vagas por horário são limitadas.

13 de maio de 2023 | Das 9h às 13h
Em frente à Câmara Municipal

É PRA VOCÊ!

O QUE VAI ROLAR NO DIA DO EVENTO?

Emissão gratuita de documentos:

- Carteira de Identidade
- 2ª Via de certidões de nascimento, casamento e óbito
- Título de eleitor

Para mais informações sobre emissão dos documentos, consulte o site e as redes sociais da Câmara

Serviços ao cidadão:

- Atendimento Cat/Sine
- Serviços de saúde
- Vacinação
- Consultoria Jurídica
- Atendimento do PROCON

Entretenimento:

- Apresentações artísticas
- Recreação para as crianças
- Salões infantil e adulto
- Guloseimas
- Pintura facial

Além disso, teremos recolhimento de pilhas e lâmpadas, exposição de fotos de animais para adoção, orientações sobre o trânsito, direitos da mulher e alimentação saudável e muito mais.

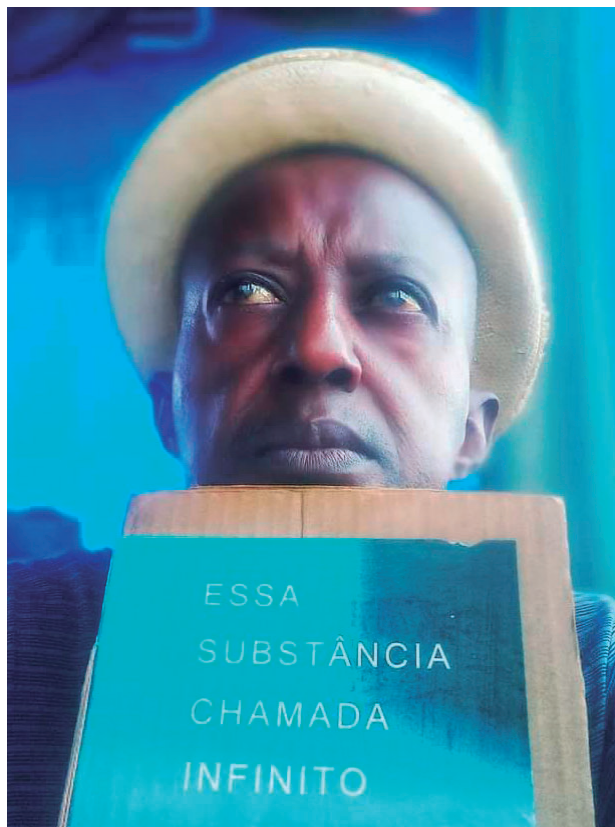
Câmara Municipal de João Monlevade
 Câmara forte, cidade forte!

ENCONTRO LITERÁRIO:

Anise Koltz e Wir Caetano



(*) Nádia Melina



Desde as comemorações de 2022 e a geminação de Esch-sur-Alzette e João Monlevade, sabemos que existem laços históricos entre Luxemburgo e Minas Gerais. E no campo cultural, o que nos liga?

No dia 1º de março, o Luxemburgo perdeu sua grande poetisa, Anise Koltz, uma das vozes literárias mais expressivas da contemporaneidade. Anise Koltz foi escritora e poetisa. Escreveu em alemão e francês. Foi agraciada com prêmios nacionais e internacionais.

Imaginei um diálogo ficcional entre ela e o monlevadense Wir Caetano. Ambos poetas e representantes literários de suas terras. Muito diferentes. Ela, mulher, branca, nascida em 1928; ele, homem, negro, nascido em 1960. Separados por mais de 9 mil quilômetros de distância e por 32 anos de diferença, Anise e Wir mostram como identidades, literatura e memórias atravessam fronteiras. O breve encontro que segue revela esses elementos afins.

Wir Caetano faz a mesma pergunta à Anise Koltz que já havia feito no seu poema “Cá do mundo” a outros poetas:

¹ “Valéry era francês
Dylan Thomas galês
De qual Europa vocês?”

Surpreendida pela franqueza de Wir, Anise olhou-atônita. Era a primeira vez que a poeta luxemburguesa encontrava um brasileiro de João Monlevade. Um monlevadense. Sua desconfiança logo desapareceu ao lembrar que ele também era poeta e compartilhavam um amor mútuo pela palavra escrita.

A pergunta de Wir reverberava em sua mente: “De qual Europa eu sou?” Fechou os olhos, sorriu e deixou as memórias levá-la até Luxemburgo:

² “Tudo em volta neve
Tudo é branco e pesado
ou preto
em nenhuma outra cor
está tão calmo
só é vermelho a caravana
ao fundo do campo
ela esqueceu sua cor
e sonha com os cavalos
que a rebocam”
brancos como neve.

Precisou de alguns segundos para se despedir dessas lembranças do inverno luxemburguês de sua infância. Como explicar as sensações da primeira neve do inverno a uma pessoa que nunca havia vivenciado isso? Com os olhos ainda fechados, ela decidiu evocar outra imagem de seu país. Abriu os olhos e os fixou em Wir e disse: “Eu sou de Luxemburgo.”

³ “Luxemburgo

Alta elevada
Sobre uma rocha
minha cidade milenar
sonha e se disfarça

Eu lhe empresto minha máscara
minhas artérias
como se eu fosse outra cidade”

Apesar de nunca ter visitado Luxemburgo, Wir conhecia o vínculo histórico que unia Monlevade e o Grão Ducado desde o século XX. E também conhecia os desafios dos luxemburgueses ao se mudarem para João Monlevade e dos monlevadenses ao chegarem ao Luxemburgo. Ele não podia deixar de comparar essas relações com a mineração, as quais se tornam mais ricas e complexas a cada camada explorada. Wir se recolhe em seus pensamentos e imagina mapas para resgatar todos os segredos guardados nessas terras vermelhas de Minas Gerais e do Minett.

⁴ “Mapas
os mapas secretos das cidades
não vazaram todos pras pessoas
moradores
migrantes

os mapas das cidades
mostram acessos
não mostram as saídas de emergência

não mostram os pontos
de fuga

como
sair para respirar?”

A relação entre Luxemburgo e Monlevade, entre luxemburgueses e monlevadenses nunca foi construída com mapa e bússola, mas sim com visão e coração. Alguns, até diriam, que esse projeto inusitado ainda não acabou e que pelo contrário, o legado do passado está se reinventando no futuro do presente.

- Nós luxemburgueses e monlevadenses somos como o aço.
- Cuma?

⁵ “Eu retornarei
para as profundezas da terra
onde adormecem
as pedras
as nascentes”

- Di vera, di vera, respondeu Wir, acenando com a cabeça.

- Nesse mundo sem sentido, ⁶ “nosso passado/ continua sendo nosso presente”

⁷ « Notre passé
reste notre présent »

⁸ « Eis Vergaangenheet
bleift eis Géigewaart»

Referências

Wir Caetano (2017) Cá do mundo em Fragmentos de poesia toda. Coleção Leve um Livro, p. 6.

2 Anise Koltz (2016) Tout autour la neige em Sombambule du jour. Poèmes choisis. Gallimard, p. 29. Tradução Nádia Mellina

3 Anise Koltz (2016) p.76.

4 Wir Caetano (2020) Mapas, <https://tantasfolhas.com/adri-aleixo-karine-bassi-wir-caetano/>

5 Anise Koltz (2016) p.168.

6, Anise Koltz, (2016) p.141. Tradução Nádia Mellina.

7 Idem

8 Idem

(*) Nádia Mariana Mellina é Diplomata, conselheira política e cultural na Embaixada do Luxemburgo, em Brasília, e trabalha com temas de gênero, direitos humanos, meio ambiente e comunicação. Ela nasceu em João Monlevade e foi adotada por uma família luxemburguesa ainda bebê.

Diversidade cultural na região

"As faces de um homem eterno"



Reprodução

Fotobiografia de Padre João (foto), de São Gonçalo do Rio Abaixo, traz a memória daquele que ficou conhecido como "santo do sertão de Minas"

Em janeiro de 1968, reportagem especial de "O Cruzeiro", maior revista do Brasil daquela época, destacava as ações e os milagres promovidos pelo padre João José Marques Guimarães, em São Gonçalo do Rio Abaixo. A publicação relatou que, aos 78 anos, o religioso e a própria cidade, tomaram-se conhecidos em todo o país, por suas bênçãos que salvavam vidas e aumentaram a fé nos então dois mil moradores do município.

Conforme a revista, desde a década de 1940, as bênçãos curavam "desde simples dores de dente até hemorragias em doentes desenganados pelos doutores". Além dos males físicos, a reportagem aponta que as orações do padre salvaram plantações atacadas por pragas e curas foram feitas até à distância, como a de um menino de Rio Piracacaba que sofria de epilepsia e foi salvo pelas orações de Padre João. Mulheres grávidas engoliam papéisinhos com frases em latim, escritas por ele e tinham partos tranquilos, segundo a publicação do Cruzeiro.

Resgatando essa memória, foi lançado, recentemente, o livro "Padre João José Marques Guimarães – As faces de um homem eterno" – de autoria do historiador Danilo Souza Ferreira. A obra foi lançada pela Prefeitura de São Gonçalo do Rio Abaixo, através da Secretaria de Cultura e Turismo e Setor de Patrimônio Cultural.

O material conta a trajetória do padre responsável por moldar os

costumes da comunidade e reforçou a fé das pessoas. "Sua postura religiosa transcendeu às montanhas são-gonçalenses e foi considerado santo milagreiro por diversos fiéis", afirma o autor. A publicação reúne fotografias, depoimentos e reportagens da época que relatam os milagres e feitos do sacerdote em toda a região do Médio Piracacaba. Um ganho para a memória local.

O religioso atuou na paróquia de São Gonçalo durante 60 anos e foi um dos modelos culturais e devocionais para a cidade, além de um dos mobilizadores da emancipação municipal. Para o prefeito Raimundo Nonato de Barcelos, o Nozinho (PDT) o livro é mais uma maneira de preservar a história do município, ao contar a trajetória do sacerdote tão importante para o município.

Até os dias atuais, a fé do povo são-gonçalense é tamanha, que Padre João ganhou, em sua homenagem, um memorial com uma estátua de 20 metros de altura, que abençoa a cidade do alto. A escultura pode ser vista até por quem trafega pela BR-381, às margens do município e é também um atrativo turístico religioso de São Gonçalo do Rio Abaixo.

Os interessados em adquirir um exemplar do livro podem procurar o Setor de Patrimônio Cultural da Prefeitura. O espaço fica na rua Antônio da Manoela, esquina com a rua Monsenhor Torres no centro do município.

NOVA ERA, ESTOU CHEGANDO!

(*) Remisson Aniceto

Estou chegando.

Vou na minha nave, chapéu alado de
*Mercúrio.

Vou em busca do ouro brilhante do Sol
e da prata argente da Lua.
Quero da vida o arrebol,
presentes na prata da Lua
e no ouro do Sol.

Qual um saudoso e faminto filho,
chegarei para o café da manhã,
o pão de queijo e a broa de milho.
Entrarei pela rua com a cidade ainda sonolenta.
Não aguento mais esperar
e a saudade já não me aguenta.
Quero reencontrar a vida. Vê-la e vivê-la.
Procuro a sabedoria da prudência
e da coragem, da dedicação e da valentia,
do abraço e da amizade (sinto falta do calor),
da pureza e da lealdade,
da fé e do amor.

Nova Era, banhada pelo rio,
tem tudo isso e muito mais.

Solidão, dor e frio?

Nunca mais!

Estou chegando.

Descerei na estrada antes de nascer o dia,
ali na curva do rio, onde mora a Santa Maria.
Vinte minutos a pé na antemanhã,

em meio aos sons e as cores,
até abraçar as minhas irmãs
e esquecer as minhas dores.

Caminharemos juntos, o rio e eu,
eu e o rio, lado a lado.

Felizes, iremos bem cedo,
ele a me ofertar o seu braço direito,
eu lhe estendendo o meu braço esquerdo.

Tão bem acompanhado,
andarei com o rio, suspirando,
encantado, até a porta aberta da cidade.

Falaremos - o rio e eu, da falta e da esperança,
do amor e da saudade,
do passado e do presente.
E da alegria do reencontro
com a cidade e a minha gente.
Mercúrio me leva.

Vou no seu vermelho chapéu alado.

Descerei nas imediações,
perto da Santa Maria.

Quero chegar de surpresa,
em tempo de ver todos reunidos à mesa
e receber o primeiro abraço do dia.
Pousarei na estrada, como uma ave,
e saudarei primeiro o rio, que caminhará ladeado
comigo até o Centenário, rente ao portal da cidade.
Guardarei no bolso, com cuidado, a minha nave.
Chegarei exausto e sedento da longa viagem,

mas com o peito pleno de coragem.
Nova Era me deixará a alma plena.
O meu coração não mente:
serei recebido por **Santa Helena,
que me saciará a sede da cidade
e da minha gente.

(*) Remisson Aniceto é escritor e poeta novaerense

Referências:

* No Brasão de Armas de Nova Era, datado de janeiro de 1939, o chapéu alado de Mercúrio que simboliza o comércio geral do município.

**Santa Helena, água mineral produzida em uma das diversas nascentes da cidade, lembrada pela gota d'água, prateada no Brasão.

Projetos de Lei preservam a memória de personagens femininas

Recentemente, duas mulheres de João Monlevade ganharam homenagens, ao terem seus nomes escolhidos para batizar espaços públicos da cidade. No dia 14 de março, os vereadores aprovaram o projeto de lei 1.329/2023, de autoria de Belmar Diniz (PT), que nomeia o Centro de Referência de Assistência Social (Cras) Central, de Marina Eugênia de Souza, a Dona Preta.



Dona Preta nasceu em Alvinópolis e mudou-se para João Monlevade nos anos 1960, quando se casou. Foi mãe de nove filhos. Entrou para a história como a primeira empregada doméstica eleita vereadora no Brasil para o mandato de 1988 a 1992 pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Mas sua vida de lutas começou antes. Participou de movimentos populares, Pastoral Operária e Pastoral da Mulher. Integrou a primeira diretoria da Fundação Casa do Trabalhador. Participou do histórico “Encontro de Monlevade”, que originou a Articulação

No dia 22 do mesmo mês, os parlamentares também aprovaram projeto de Lei 1.330/2023, de iniciativa do vereador Vanderlei Miranda (PL) que denomina de “Terezinha Santos Flaviano”, a Dona Terezinha, a antiga Rua 2, perpendicular à avenida Alberto Lima, no bairro Sion. As duas mulheres têm histórias de forte atuação junto às comunidades. Os projetos foram aprovados por unanimidade.

ção Nacional dos Movimentos Populares e Sindicais (Anampos), berço da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do PT.

Como presidente da Associação das Profissionais Domésticas e Lavadeiras, esteve à frente da mobilização por melhores condições de vida e trabalho e contribuiu para que direitos fundamentais da categoria fossem garantidos na

Constituição de 1988. Em seu mandato de vereadora, foi autora da lei municipal que dispõe sobre cargos e empregos públicos reservados a pessoas portadoras de deficiência e define os critérios para a admissão. Também lutou pela criação do Conselho da Mulher e da Lavanderia Comunitária. Ela faleceu em 2017.

Conhecida na comunidade por trabalhos religiosos e sociais, Dona Terezinha foi uma grande liderança nos bairros Sion, Santo Hipólito, Cruzeiro Celeste, Tanquinho, e na paróquia São Luís Maria Monfort, no Loanda. Trabalhou como uma das responsáveis na captação e organização da construção da Paróquia Nossa Senhora da Saúde, bairro Santo Hipólito.

Terezinha nasceu em Rio Piracicaba, e mudou-se para João Monlevade ainda jovem. Ela trabalhou para o Estado em diversas escolas e após morar em várias casas alugadas, conseguiu construir sua casa no bairro Sion. É mãe de três filhos biológicos e quatro de criação. Um deles é o padre José Cláudio que completa 25 anos de sacerdócio este ano.

Dona Terezinha foi catequista e ministra da Eucaristia. Responsável por levar a pastoral da Criança para o bairro Sion.



Realizava e promovia também novenas de Natal e grupos de reflexões. Além disso, fazia trabalho social, montando cestas básicas com o auxílio de vizinhos para serem doadas às pessoas necessitadas. Ela faleceu em 2021.

Valorização do patrimônio



Elementos arquitetônicos e paisagísticos que formam o patrimônio histórico-cultural de João Monlevade, contam histórias do nosso município, que completa 59 anos no próximo 29 de abril. É fundamental a preservação desses espaços e falar de sua importância para a comunidade. Sobretudo, para os jovens monlevadenses.

Com o projeto Tour pela Memória, a Prefeitura de João Monlevade, através da Fundação Casa de Cultura e apoio da Secretaria Municipal de Educação, promove a educação patrimonial, com a visita de estudantes aos marcos históricos da cidade.

Nesta etapa, alunos do Centro Educacional visitaram, na última semana, a Igreja São José Operário, o Solar Monle-

vade, o Hotel Cassino, a réplica da Forja Catalã, Floresta Clube Henry Meyers, Estádio Louis Ensich, Vila Operária, Hospital Margarida e antigo Terminal Rodoviário. Outras escolas serão contempladas em datas ainda a serem agendadas.

De acordo com a diretora-presidente da Fundação, Nadja Lírio Furtado, o Tour da Memória promoveu a capacitação de educadores para trabalhar o resgate da memória e difusão do Patrimônio Cultural monlevadense. “Queremos que os cidadãos tomem a sua parte na construção de uma identidade cultural monlevadense. É fundamental que o ser humano se aproprie de sua própria história para que exerça, de fato, a sua cidadania”, afirmou.